

Relações entre Estilos Parentais Atuais e Vivências de Apego na Infância: Uma Revisão Narrativa da Literatura

Kaena Garcia Henz¹

Monique Cauduro Doormann²

Helena Centeno Hintz³

Resumo

Existem estudos que relacionam estilos parentais e o apego desenvolvido na infância dos cuidadores, bem como, estudos que buscam entender os efeitos da transgeracionalidade na parentalidade. Entretanto, há poucas revisões que se debruçam nos dados nacionais que avaliem essas relações. O objetivo deste artigo é verificar a relação entre apego da infância dos pais e os estilos parentais com seus filhos. Realizou-se uma revisão de literatura do tipo narrativa para investigação da temática. Foram selecionados, para a análise de dados cinco artigos que tratavam sobre o tema. Os resultados revelaram que há poucos estudos nacionais sobre a temática. Também foi possível notar nos estudos a importância da transgeracionalidade nos comportamentos parentais.

Palavras-chave: práticas parentais, estilos parentais, apego, transgeracionalidade, parentalidade

Relationships between Current Parenting Styles and Attachment Experiences in Childhood: A Narrative Literature Review

Abstract

There are studies that relate parenting styles and attachment developed in caregivers' childhood, as well as studies that seek to understand the effects of transgenerationality on parenting. However, there are few reviews that focus on national data that assess this relationship. The purpose of this article is to verify the relationship between parents' childhood attachment and parenting styles with their children. A narrative-type literature review was carried out to investigate the theme. Five articles were selected for data analysis on the topic. The results revealed that there are few national studies on the subject. It was also possible to note in the studies the importance of transgenerationality in parental behaviors.

Keywords: parental practice, parental styles, attachment, transgenerationality, parenting

Introdução

¹ Psicóloga (UFRGS), psicóloga-colaboradora do Programa de Orientação a Práticas Parentais UFRGS e especializanda em Psicoterapia Individual Sistêmico-Integrativa pela DOMUS.

² Psicóloga (PUCRS). Especialista em Psicologia Escolar (CAPE) e Educação Inclusiva (Uniritter) e especializanda em Psicoterapia Individual Sistêmico-Integrativa no Domus.

³ Psicóloga, Psicoterapeuta Individual, de Casal e Família. Sócia fundadora do Domus, docente, supervisora e orientadora. Editora da Revista Pensando Famílias.

Sabe-se, por meio do conceito da transgeracionalidade, que a maneira como nos relacionamos com nossos pares atuais é muito semelhante à maneira como nos relacionamos na nossa família de origem. Falcke e Wagner (2005) definem a transgeracionalidade como “processos que são transmitidos pela família de uma geração para outra e que se mantêm presentes ao longo da história familiar”. (p. 26) As autoras justificam que o processo da transgeracionalidade ocorre, primeiramente, porque a identidade do indivíduo se dá a partir do legado familiar, que se manifestam por meio de valores e comportamentos.

Além disso, as relações primárias com a família representam a base dos comportamentos do indivíduo, podendo variar de intensidade e nível de compreensão em relação a esses comportamentos/valores herdados. O impacto das questões transgeracionais e sua manifestação latente ocorre geralmente em momentos de crise, nos quais o estresse acumulado pela situação convoca a evolução ou estagnação do sistema familiar. Essas situações de crise podem ser os momentos de transição do ciclo familiar. (Falcke & Wagner, 2005)

Dessa forma, a parentalidade é uma das maneiras na qual podemos observar a perpetuação de valores e papéis dentro das famílias (Vieira & Sampaio, 2009; Weber et al., 2006; Guimarães, et al., 2009). A parentalidade pode ser entendida tanto no nível do comportamento, que se refere ao conceito de práticas parentais, quanto no nível de agrupamento de práticas, cujo conceito retrata os estilos parentais.

As práticas parentais podem ser entendidas como comportamentos específicos diretamente observáveis em que os cuidadores utilizam para socializar seus filhos. Entende-se que uma das principais tarefas parentais é a socialização da criança com seu meio, a fim dela adaptar-se às demandas do meio e ainda conseguir conservar sua integridade pessoal (Darling & Steinberg, 1993). Um exemplo de práticas parentais seriam as ações destinadas a incentivar o desenvolvimento acadêmico, como acompanhar o filho no dever de casa a participar das reuniões escolares (Kuppens & Ceulemans, 2019).

Já o conceito de estilos parentais seria como um conjunto de ações que constituem padrões de comportamentos parentais que se manifestam em duas dimensões: exigência e responsividade. A partir das duas dimensões de exigência e responsividade, foram estabelecidos quatro estilos parentais: autoritativo, autoritário, permissivo (Baumrind, 1991) e negligente (Maccoby & Martin, 1983, citado por Kuppens & Ceulemans, 2019). No estilo autoritativo, os cuidadores são tanto exigentes quanto responsivos, sendo assertivos, mas não intrusivos e permitindo o desenvolvimento saudável da autonomia. No estilo autoritário, os cuidadores são muito exigentes e poucos responsivos. São geralmente pais que estabelecem regras sem abrir um diálogo para explicações ou escuta. Já no estilo permissivo ocorre o contrário: os cuidadores são responsivos demais e pouco exigentes, havendo pouco estímulo aos comportamentos maduros da criança e sendo muito indulgentes com os comportamentos inadequados. Por fim, o estilo parental negligente trata de cuidadores que não são nem exigentes e nem responsivos. São cuidadores que não oferecem uma boa estrutura emocional, nem uma monitoria adequada ou mesmo um bom suporte emocional.

Em revisão bibliográfica de estudos nacionais feita por Carvalho e Silva (2014), os dados apontam para o impacto dos estilos parentais em diversas dimensões do desenvolvimento infantil e adolescente

como: associação de depressão na adolescência e estilos parentais indulgente e negligente; uso de drogas na adolescência associado com estilos parentais negligente, indulgente ou autoritário; práticas parentais inapropriadas relacionada a dificuldades no desenvolvimento de autonomia e independência em crianças e adolescentes; e maiores níveis de bem-estar psicológico em jovens universitários associados ao estilo parental autoritativo de seus cuidadores. Na revisão bibliográfica de estudos internacionais sobre estilos e prática parentais realizada por Cassoni (2013), constatou-se que as punições físicas utilizadas para disciplinar comportamentos dos filhos e a falta de encorajamento e apoio estão associados a problemas de competência social, dificuldades de externalização das emoções e comportamentos adaptativos nas crianças. Foi encontrado maior encorajamento de expressão emocional em crianças com pais que tinham um estilo autoritativo. Outro achado importante desta mesma revisão traz que o estilo parental negligente foi associado a maiores níveis de ansiedade, problemas de autorregulação e desenvolvimento disfuncional em crianças.

Baumrind (1991) refere que crianças que crescem em um ambiente com apego seguro desenvolviam autorregulação emocional, individuação e comportamento exploratório quando adolescentes. Alguns estudos estrangeiros mostram que o apego seguro tem sido associado ao estilo parental autoritativo (Karavasilis et al., 2003; Mayselless, 2005; Sánchez, 2008, citado por Pacca, 2019), enquanto o apego inseguro está associado a práticas parentais negativas (Muris et al., 2003; Roelofs, et al., 2006; Benavente, et al., 2009, citado por Pacca, 2019).

Além de tentar explicar o comportamento de apego na infância, a Teoria do Apego busca interpretar os apegos duradouros que o sujeito estabelece com outros em especial. Com as figuras de apego internalizadas, segundo Bowlby (1989), as experiências iniciais de relacionamento moldam as expectativas sobre si, os outros e o mundo em geral, com implicações na personalidade e nos relacionamentos posteriores de amizade, amor romântico e parentalidade. Crowell e Treboux (1995) encontraram em suas pesquisas sobre a Teoria do Apego que o apego se manifesta para além da infância. Entre os impactos do apego na adultez estão: a transmissão intergeracional dos padrões de apego; o impacto nos relacionamentos na adolescência e adultez; o comportamento parental; nas relações românticas; e em seus pensamentos, percepções e comportamentos (Dalbem & Dell'Aglio, 2005).

Bowlby (1989) explica que o apego é um vínculo estabelecido entre o bebê e cuidador (figura de apego). A figura de apego, segundo ele, é aquela que está disponível e oferece respostas, fornece um sentimento de segurança, encorajando o sujeito a valorizar e a continuar a relação. Segundo a teoria, a função do apego é proteger e garantir a sobrevivência do sujeito e da espécie por meio dessa proximidade. Logo, entende-se que, além de universal, o apego tem raízes biológicas e sofre influência das características temperamentais inatas da criança, das suas experiências individuais e da história de vida dos pais.

Em 1978, Mary Ainsworth trouxe contribuições aos estudos de Bowlby. Ela apresentou evidências de que o modo como o cuidador primário interage com a criança nos primeiros anos de vida, influencia a qualidade da relação entre eles, resultando assim em diferentes tipos de apego. O primeiro modelo de apego foi definido como apego seguro. Crianças com apego seguro constroem um modelo de mãe disponível mesmo quando não podem vê-la, por isso, protestam menos na separação e conseguem

brincar e explorar o ambiente mesmo em sua ausência ou na presença de uma pessoa estranha. Os bebês inseguros foram classificados em dois modelos: apego resistente ou ambivalente e apego evitativo ou inseguro. Crianças com apego resistente ou ambivalente apresentam reações de desconforto e aflição como chorar, gritar, vocalizar na presença de uma pessoa estranha e/ou na ausência da mãe e mostram limitado comportamento exploratório. Crianças com apego evitativo ou inseguro interagem pouco com a mãe e ficam inibidas na presença de pessoas desconhecidas. Na separação, são indiferentes a suas mães e no reencontro não buscam conforto nestas (Dalbem & Dell'Aglio, 2005; Pontes, et al., 2007).

De maneira geral, existem estudos que relacionam estilos parentais e apego desenvolvido na infância dos cuidadores (Pacca, 2019), todavia não há revisões recentes nacionais que avaliem essa relação. Identifica-se, portanto, a demanda de conhecer os estudos nacionais sobre o tema.

O objetivo deste artigo é verificar a relação entre apego desenvolvido pelos pais na infância e os estilos parentais com seus filhos. Delineou-se como objetivos específicos: analisar quais os tipos de apegos estão mais presentes nas amostras; verificar se as pessoas que tiveram apego inseguro com seus cuidadores na infância usam com maior frequência práticas parentais negativas do que as positivas; e compreender o papel da transgeracionalidade na parentalidade.

Método

Realizou-se uma revisão de literatura do tipo narrativa para investigação da temática. A revisão narrativa é considerada tradicional ou exploratória, na qual não há a definição de critérios explícitos e a seleção dos artigos não segue uma sistemática. O autor pode incluir documentos de acordo com seu viés, sendo assim, não há preocupação em esgotar as fontes de informação (Cordeiro, et al., 2007). Para análise de dados, foram selecionados artigos das plataformas: Lilacs, Scielo, Redalyc e PePSIC. Os artigos buscados tratavam concomitantemente das temáticas do apego e parentalidade (práticas ou estilos). Em fase de refinamento, descartou-se os artigos estrangeiros e aqueles que, apesar de conter os temas, não relacionavam o apego dos pais na infância com suas práticas parentais atuais. Também não foram incluídos artigos de revisão nesta análise. Ao final, foram selecionados cinco artigos aos quais serão analisados a seguir.

Resultados e Discussão

Weber, et al., (2006) realizaram estudos com o objetivo de investigar a transmissão intergeracional dos estilos parentais. Foram entrevistadas 21 mulheres de sete famílias distintas de classe média, respeitando-se a linearidade trigeracional (avó/filha/neta). Os instrumentos aplicados foram: Entrevista de Apego Adulto, de George, et al. (1985) e Escalas de Qualidade na Interação Familiar (EQIF) de Weber, et al., (2003). Para os resultados, analisaram 12 escalas presentes no EQIF: relacionamento afetivo, envolvimento, regras, reforçamento, comunicação positiva dos pais, dos filhos, comunicação negativa, punição inadequada, modelo, sentimento dos filhos e clima conjugal positivo e negativo. As autoras constataram que 91,7% das variáveis analisadas sofrem influência transgeracional. As três

dimensões que não sofreram estão ligadas ao afeto, carinho e envolvimento - o que explicam a partir de mudanças socioculturais recentes. Ao mesmo tempo, ficou evidenciada a transmissão dos aspectos negativos, como punição inadequada, modelos inconsistentes e de valores que norteiam o modo como criam seus próprios filhos. Uma limitação deste estudo é o fato de terem utilizado a Escala de Apego em seus instrumentos, mas não mencionado seus resultados na discussão.

Bérgamo e Bazon (2011), em seus estudos, buscaram verificar a transmissão geracional do abuso físico, investigando variáveis relacionadas às práticas parentais educativas e de cuidados recebidos na infância e a qualidade de relacionamento com os pais. Participaram da pesquisa dois grupos de 30 cuidadores cada: o primeiro composto por pais/responsáveis que haviam sido notificados pelos Conselhos Tutelares da cidade de Ribeirão Preto - SP por maus-tratos físicos contra os filhos de até 15 anos de idade; e o segundo grupo - controle - foi composto por pais/responsáveis da mesma cidade indicados por profissionais da área da assistência social do mesmo município e que, na avaliação destes profissionais, eram adequados nos cuidados com os filhos e não possuíam histórico oficial de maus-tratos. Nos resultados, observaram que houve diferenças significativas entre os dois grupos. O primeiro referiu vivências infantis negativas, tanto práticas de cuidado e educativas, quanto na qualidade do afeto no ambiente familiar e do relacionamento com os pais/cuidadores, além da maioria ter avaliado a infância como intermediária ou infeliz, enquanto os participantes do segundo grupo avaliaram, em sua maioria, como feliz. Constatou-se que aqueles que produzem abusos físicos contra os próprios filhos teriam sofrido mais situações de abuso na própria infância e/ou vivenciado mais interações negativas. Segundo as autoras, as informações trazidas pelo primeiro grupo indicam maior distanciamento afetivo com seus próprios pais, decorrente de falhas na relação de apego. A limitação deste estudo repousa sobre o fato de as respostas às questões sobre a infância dos pais/responsáveis serem retrospectivas, podendo sofrer interferências da memória dos participantes.

Com o objetivo de investigar as experiências, o apego da mãe com seus cuidadores e o apego inseguro do filho, Bortolini e Piccinini (2017), avaliaram duas díades mãe-filho em que as crianças apresentavam apego inseguro previamente constatado. Os resultados dos instrumentos indicaram transmissão intergeracional do padrão de apego inseguro. Ambas as relações mãe-filho estudadas pareciam permeadas pela falta de sensibilidade materna, falta de conforto, de disponibilidade emocional, de presença e de afetividade, indicando ainda semelhança no padrão de cuidado que receberam de suas mães e o padrão de relacionamento que ela estabeleceu com a sua filha. Observa-se que, apesar de terem citado comportamentos considerados práticas parentais, não foram definidos pelos autores como tais. A limitação desta pesquisa também se refere às respostas das mães serem baseadas em suas lembranças de infância e relacionamento com as suas próprias mães, podendo sofrer interferências de suas memórias.

Gomes e Bosa (2010) estudaram apego e práticas parentais com o objetivo de investigar se o conhecimento ou não do *script* de base segura (representações mentais de apego) por jovens adultas afeta as cognições que compõe as suas futuras práticas parentais. Participaram da pesquisa 60 universitárias, com idades entre 18 e 25 anos, que ainda não eram mães. As participantes foram divididas em dois grupos: o primeiro com conhecimento do *script* de base segura e o segundo com desconhecimento do *script* de base segura. Nos resultados, o primeiro grupo demonstrou maior

preocupação significativa em duas categorias de práticas parentais. Uma delas refere-se à Promoção de independência nos filhos, desejando incentivar a autonomia neles. A outra categoria nomeada de Atribuição de causalidade ao comportamento da criança, em que as universitárias com conhecimento do *script* de base segura demonstraram maior preocupação em entender os comportamentos das crianças. As demais categorias não obtiveram diferença significativa entre os grupos, por isso, os resultados foram parcialmente condizentes com a ideia de que as representações mentais de apego (pessoas que receberam suporte de base segura) afetam o nível de responsividade e sensibilidade materna aos sinais da criança, ou seja, pais com apego seguro tendem a responder mais adequadamente aos comportamentos da criança. Uma das limitações do estudo foi relativo ao público-alvo do estudo, pois trabalha com hipóteses de práticas parentais, visto que as universitárias não eram efetivamente mães: faz-se necessário investigar se a capacidade executiva destes *scripts*.

Nunes, et al., (2013) realizaram um estudo cujo objetivo era avaliar se as práticas parentais e o apego dos cuidadores eram preditores de problemas de comportamentos internalizantes e externalizantes nas crianças. Participaram dessa pesquisa 289 crianças do quarto ano de escola pública e 205 cuidadores (pais e mães). Os instrumentos utilizados para avaliar as variáveis foram: *Security Scale*, na qual avalia, a partir da perspectiva das crianças, a qualidade do apego com os cuidadores; *Child-Rearing Practices Report Questionnaire*, que avalia as práticas parentais por meio da percepção dos cuidadores; e o *Child Behavior Checklist 4-18* (CBCL), escala respondida pelos pais e que se propõe mensurar problemas de comportamento internalizantes e externalizantes das crianças. Os resultados indicaram que algumas variáveis parentais foram preditoras para a agressividade e delinquência nas crianças (comportamentos externalizantes). Para os meninos, foi o apego materno pobre e para as meninas, práticas parentais de rejeição e baixos níveis de controle parental. Já para os problemas de comportamentos internalizantes, como retraimento, ansiedade e depressão, o apego pobre paterno foi preditor para os meninos. Já para as meninas, o preditor para tais problemas de comportamento foram práticas parentais de controle de comportamento e psicológico. Embora seja um estudo que não aborde sobre os estilos parentais, mas sim das práticas, os resultados são importantes para entendermos de que forma o apego dos pais e suas práticas influenciam nos problemas de comportamento das crianças.

Em relação aos tipos de apego abordados nos estudos avaliados, parte dos estudos abordou os efeitos do apego inseguro na parentalidade (Bortoloni & Piccinini, 2017; Nunes, et al., 2013), descrevendo efeitos tanto em crianças em idade escolar quanto em bebês; e outra parte atentou para avaliar os efeitos do apego seguro e inseguro (Bérgamo & Bazon, 2011; Gomes & Bosa, 2010). O estudo de Gomes e Bosa (2010) fez comparação entre apego seguro e inseguro, no qual as pesquisadoras separam previamente os grupos com e sem *script* de base segura para avaliar as futuras práticas parentais de jovens estudantes universitárias. Já no estudo de Bérgamo e Bazon (2011) as amostras foram divididas entre cuidadores que tinham histórico de violência com os filhos registrada no Conselho Tutelar e cuidadores sem práticas prévias de violência.

Alguns dos estudos analisados apontam que pessoas que tiveram apego inseguro com seus cuidadores na infância usam práticas parentais negativas com maior frequência do que positivas. Na pesquisa de Bérgamo e Bazon (2011) identificam que a transmissão dos maus-tratos se fundamenta

na internalização de um modelo parental não-responsivo, assim sendo, pouco sensível aos sinais e necessidades da criança. Bortolini e Piccinini (2017) vão além e mostram que as mães que internalizaram apego inseguro, não somente utilizam práticas negativas, tais como falta de disponibilidade emocional de um para com o outro, ausência de trocas afetivas, falta de explicação e minimização da crise, como também, transmitem esse modelo de apego aos filhos.

Outro ponto importante para se destacar é que não há estudos nacionais que investigam especificamente a relação entre estilos parentais e apego desenvolvido por esses cuidadores na infância. Um dos estudos (Weber, et al., 2006) abordou diretamente o construto de estilos parentais e sua transmissão intergeracional, avaliando também o apego em adultos. Entretanto, o apego não foi mencionado nos resultados. Grande parte dos estudos relacionaram apego e práticas parentais (Gomes & Bosa, 2010; Nunes, et al., 2013), entretanto alguns atentaram em destaque para o apego (Bortolini & Piccinini, 2017) ou para práticas parentais abusivas (Bérgamo & Bazon, 2011). Em comum, todos os estudos avaliados trazem evidências da transmissão transgeracional dos comportamentos parentais, sejam através de práticas parentais, estilos parentais ou pelo apego (seguro ou inseguro). Isso corrobora com estudos empíricos internacionais, os quais também têm demonstrado a continuidade entre as gerações de comportamentos parentais (Bailey, et al., 2009; Conger, et al., 2009; Neppl, et al., 2009, Rothenberg, 2019).

Conclusão

O estudo aqui apresentado demonstrou evidências da relação entre o modelo de apego desenvolvido na infância e os estilos parentais atuais empregados pelos pais/cuidadores. Foi possível identificar que a qualidade da relação com seus próprios pais, molda os comportamentos de apego do sujeito e influencia em sua parentalidade. Observa-se que estes processos são transmitidos de uma geração para a outra na família por meio dos valores e dos comportamentos, compreendendo a transgeracionalidade. Contudo, devido ao foco dos estudos encontrados sobre o tema não alcançar o objetivo deste artigo, bem como, indicarem esta relação de forma *en passant*, novos estudos se fazem necessários para compreender a extensão destes dados. Acredita-se que os achados encontrados nesta revisão da literatura devem ser colocados à prova com pesquisas aplicadas em amostras da população para verificar a veracidade destes resultados.

Referências

- Bailey, J. A., Hill, K. G., Oesterle, S., & Hawkins, J. D. (2009). Parenting practices and problem behavior across three generations: Monitoring, harsh discipline, and drug use in the intergenerational transmission of externalizing behavior. *Developmental psychology, 45*(5), 1214.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The journal of early adolescence, 11*(1), 56-95.
- Becker, A. P. S., & Crepaldi, M. A. (2019). O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: Uma revisão da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 19*(1), 238-260.

- Bérgamo, L. P. D., & Bazon, M. R. (2011). Experiências infantis e risco de abuso físico: Mecanismos envolvidos na repetição da violência. *Psicologia: reflexão e crítica*, 24(4), 710-719.
- Bortolini, M., & Piccinin, C. A. (2017). Representação de apego materna, relação mãe-criança e apego inseguro do filho: Um estudo qualitativo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 17(3), 1101-1121.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego* (V. Dutra, Trad.). Artes Médicas.
- Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: Revisão sistemática e crítica da literatura* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Conger, R. D., Belsky, J., & Capaldi, D. M. (2009). The intergenerational transmission of parenting: Closing comments for the special section. *Developmental psychology*, 45(5), 1276.
- Cordeiro, A. M., Oliveira, G. M. D., Rentería, J. M., & Guimarães, C. A. (2007). Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgias*, 34(6), 428-431.
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: Bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 57(1), 12-24.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological bulletin*, 113(3), 487.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Org). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Gomes, V. F., & Bosa, C. A. (2010). Representações mentais de apego e percepção de práticas parentais por jovens adultas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), 11-18.
- Guimarães, A. B. P., Hochgraf, P. B., Brasiliano, S., & Ingberman, Y. K. (2009). Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 36(2), 69-74.
- Kuppens, S., & Ceulemans, E. (2019). Parenting styles: A closer look at a well-known concept. *Journal of child and family studies*, 28(1), 168-181.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen (Series Ed.) & E. M. Hetherington (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (4th ed., pp. 1 -101). Wiley.
- Neppl, T. K., Conger, R. D., Scaramella, L. V., & Ontai, L. L. (2009). Intergenerational continuity in parenting behavior: Mediating pathways and child effects. *Developmental psychology*, 45(5), 1241.
- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., & Vieira, M. L. (2013). Attachment and parental practices as predictors of behavioral disorders in boys and girls. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 23(56), 369-378.
- Pacca, D. C. S. (2019). *Práticas parentais e apego: Revisão integrativa da literatura*. Dissertação de mestrado em Análise de Comportamento, Universidade Estadual de Londrina. Londrina.
- Pontes, F. A. R., da Costa Silva, S. S., Garotti, M., & Magalhães, C. M. C. (2007). Teoria do apego: Elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. *Aletheia*, 26, 67-79.
- Rothenberg, W. A. (2019). Intergenerational continuity in parenting: a review and theoretical integration. *Marriage & Family Review*, 55(8), 701-736.

Sampaio, I. T. A., & Vieira, M. L. (2010). A influência do gênero e ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 198-207.

Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações: Transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(35), 407-414.

Endereço para correspondência

kaenagh@gmail.com

monique.doormann@gmail.com

Enviado em 09/03/2021

1ª revisão em 07/12/2021

Aceito em 12/04/2022